

Os Caiabi Acordaram Alguém...

Surpreende, ao final do século XX, a desinformação em torno da problemática indígena e social no Brasil. Passados quinhentos anos da chegada do colonizador luzitano nas terras brasileiras, pouca coisa se alterou face à postura básica adotada por aquele colonizador frente às populações nativas americanas, é o que revela o sonolento artigo, “Alguém tem que acordar pra vida!”, publicado no jornal a GAZETA de 09 de novembro de 1998.

Os Tupiniquins, anfitriões da esquadra de Cabral, ofereceram uma hospitalidade sem paralelo na europa aos navegantes portugueses, chagados de escorbuto, mal cheirosos pelas condições de meses de navegação nas caravelas, sedentos de cuidados, sexo e riquezas. Encontraram o que anciavam. Foram recebidos na praia, não à flechadas ou por uma polícia de emigração racista e intolerante, como à que hoje opera na maioria dos aeroportos do primeiro mundo. Os marinheiros receberam alimentos, cuidados, carinho da parte dos anfitriões nativos. Em troca, ofereceram brindes e novidades do mundo civilizado: tuberculose, sífilis, gripe, varíola, caxumba, escorbuto, cruz e espada, surpresinhas da modernidade que abriram o primeiro rasgo de morte e destruição. Foram centenas de povos indígenas dizimadas pelos vírus e bactérias civilizados. Tão logo veio a escravização dos indígenas e o saque das suas riquezas em retribuição à hospitalidade indígena. Depois vieram as guerras contra os Tapuias, índios do sertão, verdadeiros massacres, acompanhados de toda sorte de crueldades, torturas, estropos, assassinatos de crianças, mulheres e velhos, afinal, não era certo ainda se os índios tinham alma, coisas da etiqueta dos civilizados. Desde então até os dias atuais, vem se praticando o saque sistemático das riquezas e dos territórios indígenas. A troca de surpresinhas, presentinhos, bugigangas eletrônicas, carros usados e qualquer assistência fajuta, leva-se mogno, cerejeira, ouro, diamante, terras e a dignidade dos povos indígenas. Eis a “indústria do indigenismo”, que sob a gerência dos civilizados, chapa branca ou não, nutre-se da cronificação dos problemas indígenas, fome, doença, invasão dos territórios e roubo de sua riquezas.

Não é de se espantar portanto, que os hospedeiros de Cabral, sejam hoje, levemente, taxados de sequestradores. Fazer cumprir o dever de polícia, face a omissão da FUNAI em fiscalizar as Terras Indígenas, detendo invasores armados, caçando e pescando ilegalmente é ser sequestrador? Se alguns índios adentrassem o pátio de uma empresa, da Coca-

Cola por exemplo, para coletar algumas garrafas de refrigerante, e fossem detidos pelos seguranças da empresa, certamente as manchetes seriam outras, do tipo: “Índios Armados de Arco e Flecha Tentam Furtar Empresa”. Jamais, até que os seguranças da empresa entregassem os índios às autoridades competentes, a empresa seria acusada de “seqüestro”. O sequestrador é quem procura a vítima. A vítima nunca vai à casa do sequestrador para lhe sugerir o seqüestro. Caso o faça, seria cúmplice do mesmo crime.

Os índios Caiabi não são sequestradores como querem alguns. Querem sim, que suas terras não continuem a ser invadidas. Querem, que a FUNAI cumpra o seu papel de polícia previsto em lei, fiscalizando sua Terras, conforme previsto no art. 1º da Lei 5.371 de 05/12/67 e art. 2º e 6º da Lei 6.001 de 19/12/72. Querem fazer cumprir a lei, a mesma lei que é para todos. Diga-se de passagem, esse episódio traz à tona assunto da máxima urgência e importância: a fiscalização sobre a invasão e saque das riquezas em Terras Indígenas. A verdadeira “farra do índio”, é a exploração por brancos, de atividades ilegais em terras indígenas para auferirem lucros fáceis. Por exemplo, a rentabilidade da atividade madeireira ilegal em Terras Indígenas, é centenas de vezes superior àquela praticada legalmente em reservas privadas. Culpa dos índios, de certo, afinal eles continuam miseráveis para justificar a “assistência” que recebem de madeireiros, garimpeiros, palmiteiros e dos intermediários e representantes destes. É vergonhoso o que vem acontecendo em Mato Grosso nesse sentido. Quase todas as Terras Indígenas tem algum problema de invasão, roubo, degradação e agressão externa. E talvez sejam dessa maneira assediadas, porque o que resta da riqueza natural ainda preservada, onde as fronteiras internas avançaram, está exatamente nas Terras Indígenas. Maior parte do que vem sendo preservado da biodiversidade no Estado, está sob a posse indígena. São eles os guardiões daquilo que será, no século 21, a alternativa para o desenvolvimento do Brasil, calcado no trinômio biodiversidade, biotecnologia e biomassa.

Ah! Mas é claro! Os índios são responsáveis pela má distribuição da terra no Brasil! Afinal de contas foram eles que instituíram as capitâneas hereditárias, o sistema de sesmarias, foram eles que criaram as oligarquias regionais e cartoriais, foram eles que inventaram a grilagem, faliram o pequeno e o médio agricultor e, naturalmente, foram eles que expulsaram os trabalhadores do campo e criaram o MST, afinal de contas, “esses índios não passam de agentes internacionais infiltrados para tomar o Brasil”. Não há inversão de valores mais equivocada, para não dizer de má-fé, do que essa. Os índios são os mais legítimos representantes de nossa origem,

de nossa terra, daquilo que hoje chamamos Brasil. Foi a partir de seus territórios, de seus conhecimentos sobre a terra, do ventre das mulheres índias que nasceu o Brasil. A primeira geração de brasileiros, os mamelucos, eram filhos de índias. Respeitando os direitos indígenas, estamos respeitando a nós mesmos enquanto sociedade, povo e nação. É reconhecendo a nossa diversidade étnica e ambiental, que continuaremos a desenvolver as nossas forças criativas/produtivas.

A verdadeira ameaça aos interesses nacionais não vem de nossas próprias origens, continua vindo através dos colonizadores, os modernos herdeiros de Cabral. A riqueza de nosso país, todos sabem (mas alguns andaram meio esquecidos tentando decorar o número do telefone celular), são as nossas riquezas naturais e a força de trabalho de nosso povo. Sempre foi, e será do cruzamento desses dois fatores que sairá as nossas riquezas. Hoje estamos em “crise”, porque toda nossa economia está voltada para a exportação de dinheiro. Bastasse parar de exportar dinheiro, que a tal crise não passaria de mera ameaça colonialista. Portanto meus compatriotas, vamos acordar desse pesadelo colonial/racista, fruto, talvez, do sucateamento da nossa educação, e colocar o carro nos trilhos. O que o episódio Caiabi nos traz, é a urgência em se efetivar, pelos Órgãos competentes, a fiscalização das Terras Indígenas, de modo a evitar, dentre outras coisas, que os índios sejam responsabilizados pelo ajuste fiscal.

Marco Paulo Fróes Schettino
Antropólogo da Procuradoria da República